

Editorial

Caras leitoras e caros leitores!

Mulheres e homens vamos nos constituindo na/pela história da qual fazemos parte, ou assumindo nossa inserção crítica e responsável ou simplesmente sendo condicionados pelas diferentes circunstâncias e tempos da mesma. Somos, ingênua ou conscientemente, mulheres e homens dos nossos tempos e lugares. E, é nessa condição que, ao apresentarmos o último número de 2016, encerramos as comemorações dos 45 anos da Revista Educação, (re)assumindo-nos como educadores e pesquisadores com condições e responsabilidades epistemológico-políticas a que a grande maioria da população brasileira não tem acesso. Isto posto, não podemos colocar-nos de costas para a realidade sócio-político-econômica a que a nação brasileira está submetida nos últimos dois anos, afetando em muito a qualidade de vida, dignidade e cidadania do seu povo, culminando, sobretudo, nas políticas e reformas propostas na PEC 241/55, entre os tantos desmontes que têm sido propostos pelos atuais mandatários desse Brasil.

Ao ver muitos dos direitos sociais ameaçados pela proposição de políticas públicas mercantilistas e privatizantes, sentimo-nos desafiados a advogar que uma nação democrática só se desenvolve e se legitima se o seu povo participa das decisões políticas e também é beneficiado pelos processos e resultados de mecanismos e normativas que se colocam em curso. Mais especificamente, no campo da educação, estamos assistindo (não porque não se queira participar, mas porque não há possibilidades de diálogo e interação com os órgãos responsáveis) a proposição de uma Reforma do Ensino Médio (PL 6840/13), retirando dos seus processos de ensino-aprendizagem a possibilidade de um desenvolvimento intelectual e humano voltado para uma maior autonomia, criticidade e cidadania dos estudantes e professores, e propondo uma perspectiva mais mercantilista voltada para o ensino técnico que contemple os interesses do mercado. Assim, busca-se retirar, ou diminuir, assombrosamente, as disciplinas de filosofia, sociologia, história, artes e educação física, tal como ocorrera no período da ditadura militar, aliado às bandeiras de “Escola sem Partido” e “Fora Paulo Freire”. Coloca-se em curso uma prática educativa clientelista, alienante, reacendendo o dualismo e separação de que alguns devem, porque tem recursos financeiros, estudar para prosseguir estudos superiores (trabalho intelectual), e outros terão que se contentar com a preparação técnica (trabalho manual), na busca de um emprego, porque “não tem dinheiro para estudar na universidade”.

Não obstante, já há muitos caminhos percorridos para uma educação e uma sociedade com maior participação, autonomia e cidadania para todos. Outros ainda se fazem necessários como práxis e espaços de aprendizagem da democracia, da emancipação e do respeito ético ao humano. Entendendo a história como possibilidade, reafirmamos nosso esperar por uma escola, por uma universidade e uma sociedade em que se desenvolvam as dimensões necessárias, para relações mais solidárias e menos consumistas e/ou competitivas, de modo que a humanidade de ninguém seja agredida ou pereça; e que as práxis educativas e as pesquisas não sejam subservientes

aos interesses de uma minoria, mas assumam a sua responsabilidade antropológica e social primeiras: ajudar crianças, adolescentes, jovens e adultos a aprenderem/construírem sensibilidades, saberes e conhecimentos para uma vida e uma sociedade com condições de se sentirem e agirem como mulheres e homens na inteireza e complexidade do político-humano que se constitui sócio-histórico-culturalmente.

Os tempos requerem que reacendamos a vigilância epistemológico-política no nosso "que fazer" de educadores, pesquisadores e cidadãos. Se antigas formas de fazer ciência e trabalhar nas escolas e universidades, se as maneiras como vínhamos nos organizando e lutando não estão mais dando conta da utopia, do projeto de transformação e organização social e política do nosso país, não é hora de esmorecer e desistir. É hora de reinventar, dialogar crítica e reflexivamente, agir com cautela e firmeza junto com as mulheres e homens do povo, acreditando que "a mudança é difícil, mas não é impossível" (Freire).

Destarte, começamos, nesta última edição de 2016, com um artigo que vem da universidade do Algarve/Portugal, de Carolina Silva Sousa e Marta Olmo Extrema. Sob o título "Docentes resilientes em contextos precários: Estudo de casos em Espanha", as pesquisadoras centram-se sobre docentes que enfrentam grandes desafios, em contextos socioeconômicos e culturais muito precários, na Província de Granada, Espanha, em que os alunos apresentam muitas diferenças quanto às suas necessidades e aspirações educativas. Os docentes destas escolas acabam por atuar numa perspectiva mais social e moral do que acadêmica e as famílias demonstram pouca participação e interesse, junto às instituições de ensino nas quais os seus filhos estudam. As respostas obtidas com a recolha de dados são únicos para cada contexto social e educacional e seria errado extrapolá-las, a partir de um centro para outro, porque cada centro tem a sua própria realidade, apesar do elevado envolvimento dos docentes para o sucesso das suas escolas.

"Formação de professores na perspectiva freireana: dizer o mundo e aprender/ensinar o mundo", da autoria de Silvana Aparecida Pin, Arnaldo Nogaro e Cênio Back Weyh, professores e pesquisadores da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, apresenta um estudo que tem por objetivo refletir sobre a formação de professores a partir do pensamento de Freire, a fim de perceber indicativos que levem o educador a desenvolver uma educação libertadora por meio da práxis transformadora. A pesquisa realizada foi de caráter bibliográfico. Destaca-se a educação dialógica e a práxis social como desafios permanentes ao educador que deseja colaborar para uma transformação do mundo a partir de sua prática pedagógica. O algo a mais que o professor precisa para uma metodologia exitosa é sua própria libertação e seu trabalho na libertação de seus educandos. Para isso, ele conta com o poder da palavra, não apenas a palavra falada, mas a que se pode usar de muitas formas, como instrumento essencial no ensino/aprendizagem para dizer e transformar o mundo.

Susana Inês Molon, da Universidade Federal do Rio Grande, é a autora do terceiro artigo: "Constituição do sujeito na formação de professores: significação nas práticas cotidianas". Este trabalho discute noções de sujeito, experiência, processos de

significação e práticas cotidianas. Partindo da concepção de que o sujeito é constituído nas e pelas mediações semióticas, implicados na dimensão histórica e cultural, sem perder a singularidade e focando os processos de significação, realizou-se a análise das entrevistas com seis professores a partir das contribuições de Bakhtin, Thompson e Vygotsky. As análises evidenciam que os processos de se constituir professores são perpassados pela formação inicial; pela formação continuada; pela atuação docente nas experiências em sala de aula por meio do vínculo entre teoria e prática; e pelas mudanças na prática pedagógica. Considera-se que esses aspectos são atravessados pelas escolhas e valores, individuais e coletivos, que expressam questões de gênero e de classe social na formação inicial e continuada.

O artigo seguinte, “Letramento digital na formação inicial de professores: a visão de graduandos de pedagogia EaD”, é escrito por Suzana dos Santos Gomes, Universidade Federal de Minas Gerais. É parte constitutiva de uma pesquisa que analisou a formação de pedagogos a distância. Elucida as mudanças ocorridas no campo da educação brasileira e o impacto causado pelas tecnologias, bem como a importância do letramento digital na formação docente. A coleta de dados se deu em um Curso de Pedagogia a distância ofertado por uma Instituição de Ensino Superior. O quadro teórico foi pautado em pesquisas sobre formação de professores e letramento digital. Os resultados destacaram os impactos provocados pelo uso das tecnologias digitais na formação inicial, e, além disso, como essas alunas pensam as tecnologias digitais no ambiente escolar e que possibilidades veem para o seu uso na prática docente.

“Formação pedagógica em cursos de licenciatura: um estudo de caso” é o quinto artigo dessa edição. Nele Mardem Michael Ferreira da Silva, Mayra Cristina da Silva Costa, Camila Lopes Almeida, Dienny Sthefany da Silva e Pamela Carvalho Lobato, as duas últimas da Universidade Federal de Viçosa discutem a preparação para a docência em cursos de Licenciatura, considerando a Formação Pedagógica como um componente primordial. No entanto, historicamente, essa formação é quase silenciada em relação à formação para a área disciplinar. Entendendo a importância da formação para a docência esse estudo teve como objetivo compreender as formas de organização da Formação pedagógica no curso de Ciências Biológicas do campus Florestal da Universidade Federal de Viçosa. Além da análise do Projeto Pedagógico de curso e da matriz curricular, foi realizada uma investigação, por meio da aplicação de questionários aos egressos do curso. Os resultados mostraram que a formação docente não é a missão primeira do curso e que as disciplinas de formação pedagógica são insuficientes para garantir a formação sólida que o professor precisa para atuar em sala de aula.

Da Universidade de Rio Grande, o artigo “A professora-heroína no filme Verônica: endereçamento, identificação e conformismo social”, da autoria de Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champagnatte, realiza uma análise do filme Verônica, de 2009, que apresenta uma professora da rede pública do Rio de Janeiro como heroína. A partir da análise crítica do discurso, proposta por Fairclough (2001), e aplicada a filmes, neste trabalho, abordam-se as caracterizações da professora e do enredo do filme, com o objetivo de discutir questões relacionadas a estratégias de endereçamento e identificação voltadas a professores-espectadores. Também relaciona tais estratégias às

práticas sociais do produtor e dos patrocinadores da obra. Conclui que o conformismo social foi um dos principais valores a ser endereçado/identificado aos/pelos professores-espectadores, tal como a reiteração de práticas negativas relativas à docência, e que o heroísmo da professora nada tem a ver com a escola ou a educação.

O sétimo artigo é do professor e pesquisador Luis Ernesto Behares, de la Universidad de la República, Uruguai. Com o título “La caracterización de la enseñanza como conjunto de técnicas para intervenir en los aprendizajes: un análisis crítico”, o autor indaga as condições de produção de traslado da atenção investigativa e operativas das figuras do ensino e das aprendizagens. O ensino entendido como o campo de conservação do conhecimento historicamente constituído, em seu encontro com as dinâmicas da instabilidade e a contingência que chamamos saber, incluindo a aprendizagem, porém não se esgotando nele. A aprendizagem é a resposta dada pelos indivíduos em seus processos adaptativos e de construção de suas ferramentas intelectuais e tem requerido para sua validação, no campo do ensino, os aportes da psicologia.

“A educação socioambiental como temas geradores a partir do lugar de vivência”, de Bruna Camila Dotto, da Universidade Federal de Santa Maria, dá sequência às socializações desse último número da Revista em 2016. Bruna começa afirmando que inúmeras discussões em diferentes escalas são trazidas à tona para tentar solucionar os graves problemas socioambientais que afligem toda a humanidade. O uso inadequado dos recursos naturais traz consigo graves problemas socioambientais que atingem todos os segmentos da sociedade. A educação é uma ferramenta que têm por objetivo a invocação e a sensibilização para a mudança, mudanças de comportamentos, de atos e de relações sociais. A Educação Ambiental está inserida em diferentes espaços de aprendizagem formal e informal, mas ainda é abordada com timidez. Assim, faz-se necessário que o currículo escolar seja repensado buscando desenvolver práticas pedagógicas ambientalizadas que abordem questões a partir do local de vivência do aluno. Para isso, propõem-se que a Educação Ambiental seja trabalhada como um tema gerador na perspectiva da abordagem educacional freireana.

Mais um artigo sobre a formação inicial de professores se elenca sob o título “Educação física, formação inicial de professores e o mercado de trabalho”. A autora Andreia Cristina Metzner, do Centro Universitário UNIFAFIBE, apresenta um estudo que teve como objetivos verificar a opinião de estudantes do curso de licenciatura em Educação Física em relação aos conhecimentos adquiridos durante a formação inicial e o seu desempenho profissional, bem como, as suas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Participaram desse estudo 31 alunos do último ano do curso de Licenciatura em Educação Física. Os resultados indicam que os conhecimentos relacionados a didática e as diferentes metodologias de ensino são os mais importantes para a formação inicial do futuro professor de Educação Física e que as principais expectativas em relação ao mercado de trabalho envolvem a aprovação em concurso público e atuação na educação básica.

Como décimo artigo, “Títulos de livros para o ensino da leitura e da escrita como projeto enunciativo (1950-2006)” tem como objetivo apresentar e problema-

tizar títulos de livros destinados ao processo inicial de ensino da leitura e da escrita, destacando algumas palavras e expressões recorrentes em uma amostra escolhida para análise. Os livros analisados fazem parte do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), ligado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Na análise das autoras Vania Grim Thies e Eliane Teresinha Peres, da Universidade Federal de Pelotas, e Joseane Cruz Monks, professora do Sistema Público Municipal de Pelotas, o referencial teórico-metodológico utilizado está assentado em estudos do Círculo de Bakhtin, abrangendo os anos de 1950 até meados dos anos 2000. O estudo mostra que os títulos desses livros indicam os sentidos atribuídos ao processo de alfabetização e as expectativas do que é alfabetizar-se e ser "alfabetizando" em diferentes momentos históricos.

“Concepções e práticas no ensino de leitura em inglês no ensino médio”, escrito por Daniel Mateus O’Connell, da Academia da Força Aérea, e Dirce Charara Monteiro, da Universidade Estadual Paulista, aborda os resultados insatisfatórios no ensino de leitura em língua inglesa, bem como a escassez de investigações sobre o tema no Ensino Médio. A pesquisa teve como objetivo identificar as concepções teórico-metodológicas de duas professoras de Inglês dessa etapa de ensino sobre as diferentes abordagens de leitura e como essas concepções se fazem presentes em sua prática. Os dados foram obtidos por meio da observação da prática docente e da realização de entrevistas com as professoras participantes. Os resultados da pesquisa poderão oferecer indicadores para ações voltadas para a melhoria do ensino da leitura em inglês como língua estrangeira.

Francis Mary Soares Correia da Rosa, Universidade Estadual de Feira de Santana, assina o décimo segundo artigo: “A literatura menor em Deleuze e Guattari: por uma educação menor”. Trata-se de uma investigação sobre o conceito deleuze-guattariano de literatura menor e suas implicações na esfera educacional brasileira elaborados na obra do filósofo brasileiro Silvio Gallo. Para este autor, deslocar as características da literatura menor para o campo educacional significa uma reelaboração da própria atividade docente ao lançar na questão da prática diária do professor e com a própria instituição escolar uma atividade eminentemente política. De acordo com Gallo (2000, 2003), este é o alicerce da prática de uma educação menor que está em contraponto direto ao que poderia ser caracterizado como uma educação maior, cujo campo de constituição ocorreria nos trâmites estatais, das políticas públicas da educação, dos ordenamentos e dispositivos curriculares. Assim, a autora almejou rastrear as possibilidades e deslocamentos que tal conceito promove na prática educativa.

“Jogos, patrimônio cultural e ensino de história”, de Carmem Zeli de Vargas Gil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e de Bibiana Werle, da Universidade do Estado de Santa Catarina, toma como ponto de partida dois jogos criados durante a disciplina de Estágio de Docência em História III - Educação Patrimonial realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O artigo propõe reflexões sobre o tema do patrimônio cultural na Educação Básica. Um dos referenciais que inspira a escrita deste texto é Hartog (2014), que propõe pensar o patrimônio como uma das palavras mestras na compreensão de nossa relação com o tempo. Assim, as

autoras situam a utilização dos jogos como possíveis desencadeadores da discussão que problematiza a relação entre patrimônio cultural e memória na contemporaneidade, como também uma ferramenta didática que se torna cada vez mais presente no ensino de história.

O décimo quarto artigo vem da Universidade do Grande Rio e seus autores se propõem a analisar a “Intolerância religiosa em escolas públicas no Rio de Janeiro”. Marcos Porto Rocha, Jose Geraldo da Rocha e Jacqueline Pinheiro Lima, partem da promulgação da Lei n. 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e determinou a inclusão, no currículo da educação básica pública e privada do país, da História e Cultura Afro brasileira e Africana. Isto foi considerado como uma grande conquista na luta contra o racismo e a intolerância religiosa nas escolas públicas, contudo, sua implementação enfrenta diversos obstáculos nos sistemas educacionais e no ambiente escolar. As situações conflituosas relativas à religião nas escolas brasileiras envolvem questões vinculadas à trajetória e convicções pessoais de educandos, familiares, profissionais da educação, bem como à ação de entidades religiosas, à postura e concepções de gestores e gestoras e às reações de cada um destes às novas propostas.

O artigo intitulado “Concordância verbal na escola: pela superação do ensino puramente gramatical”, vem da universidade Federal do Acre e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e é assinado por Gleiciane Nunes Souza, Alessandra Mustafa Silva Correia e Hadhianne Peres Lima. Seu objetivo é fomentar a discussão sobre as variações da língua no que tange às ocorrências da concordância verbal. A abordagem epistemológica parte da gramática normativa em oposição à gramática moderna, indicando como esta temática é mostrada nos livros didáticos do ensino fundamental, tendo como foco a visão variacionista da língua, segundo a qual as regras de concordância são variáveis e podem ser concretizadas ou não em função de diferentes e diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Ao final, os autores apresentam sugestões de atividades que possibilitam esta discussão em sala de aula, visando proporcionar ao aluno uma aprendizagem, que leve em conta os dialetos existentes no contexto, pautada no ensino da gramática normativa ou na sociolinguística variacionista.

Fechando as edições comemorativas da Revista Educação, no ano de 2016, “As práticas discursivas do banco mundial: políticas educacionais na América Latina e no Caribe” é o décimo sexto artigo. Andréa Villela Mafra da Silva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, utiliza como referencial teórico e metodológico a análise crítica do discurso formulada por Norman Fairclough, para caracterizar as práticas discursivas nas quais a publicação mais recente do Banco Mundial se inscreve. Mais especificamente, a autora trata do livro “Professores Excelentes: como melhorar a aprendizagem dos estudantes na América Latina e no Caribe”, de autoria de Barbara Bruns, Javier Luque e colaboradores. Esta publicação trata do desempenho dos professores da educação básica na América Latina e no Caribe, e como decorrência, busca compartilhar as políticas de formação docente que estão sendo implementadas nesses locais. A conclusão da pesquisa é que os baixos padrões para o ingresso no magistério têm produzido resultados inexpressivos na educação.

Por fim, convidamos os leitores a usufruírem das publicações desse último número de 2016, divulgados nessa edição, compartilhando as pesquisas e estudos produzidos em suas universidades. Agradecemos aos autores a colaboração expressa pelos artigos que produziram, expandindo-se assim a rede científica de colaboração.

Celso Ilgo Henz

Editor Chefe

Doris Pires Vargas Bolzan

Editora Chefe

Clenio Perlin Berni

Editor Gerente